

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS (INTERCÂMBIO)

- ESTUDIOS DE ASIA Y AFRICA - Nº2
El Colegio de México / Maio-Agosto/92
- COLÓQUIO / LETRAS - Nº 123/124
Avenida de Berna, 56-3º - 1093 Lisboa Codex
- ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - Nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
- ANGULO - 1992
Cadernos das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila
- BOLETIN DE LA ACADEMIA COLOMBIANA - Nº 173 / ano XLI
Bogotá - 1991
- POESIA SEMPRE - Nº1 - Ano I
Ministério da Cultura - Rio de Janeiro
- REVUE ROMANE - Nº 27 - 1992
- REVISTA DE LETRAS - V. 32 - 1992
Universidade Estadual Paulista / UNESP
- CULTURA DE GUATEMALA - Vol. I, II - Ano XIII
Universidad Farael Landivar - Guatemala
- CIPEL - 20 ANOS DE PESQUISA
Lothar Hessel - Porto Alegre
- UNA VISÓN DE AMÉRICA
Instituto Caro y Cuervo - Bogotá - 1990
- MOMENTOS DE LA LITERATURA COLOMBIANA
Instituto acro y cuervo - Santafé de Bogotá - 1990
- EL ANTIJOVIO - tomo I, II
- TRABAJANDO POR LA CIENCIA Y LA CULTURA
Instituto Caro y Cuervo - 1942 - 1992
- MUESTRA DE UN DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA
Instituto Caro y Cuervo - Bogotá - 1989
- AUTORES GAÚCHOS / 92
Edições Caravela - Porto Alegre
- BULZONI DE FILOLOGIA
Lengua i literatura Catalanes - Universitat de Barcelona
Facultat Filologia
- CONVIVIM
Revista bimensal de investigação e cultura
- EM PAUTA - Nº5
Revista do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Música - UFRGS
- ALTREITALIE - Nº8
Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli

A AQUISIÇÃO DA FONOLOGIA DO PORTUGUÊS NA FAIXA ETÁRIA DOS 2:9 - 5:5

Regina Ritter Lamprecht
PUCRS

Atualmente, a maioria das pesquisas sobre o desenvolvimento fonológico – tanto normal como com desvios – fundamenta-se na teoria da fonologia natural. Isso pode ser constatado se examinarmos trabalhos publicados nessa área nos últimos dez anos – sejam relatos de pesquisa, sejam manuais de testagem e avaliação terapêutica. Em 14 importantes publicações, 9 baseiam-se no modelo proposto por Stampe. Outros 2 analisam os traços distintivos, 2 fundamentam-se na fonologia gerativa e um na fonologia auto-segmental. Quanto a esse último modelo, pode-se prever que virá a crescer muito em importância nesta próxima década.

A descrição dos padrões existentes na fala das crianças pelo modelo da fonologia natural tem a grande vantagem de mostrar de maneira clara a relação entre as formas adultas e as formas infantis. Mostra que essa relação é de simplificação, que ela abrange classes inteiras de sons e que é justificada por razões articulatórias e perceptuais.

A fonologia natural fornece descrições mais abrangentes do que outros enfoques e constitui-se na maneira mais simples de descrever as diferenças entre as formas adultas e as das crianças nos aspectos estruturais e segmentais.

Com essa fundamentação teórica foi realizada a pesquisa objeto deste relato, a qual consiste na **descrição longitudinal da aquisição da fonologia do português**, com base em dados de 12 crianças na faixa etária entre os 2:9 (anos : meses) e os 5:5. O objetivo dessa pesquisa foi o de contribuir para o estabelecimento de um perfil da aquisição da fonologia do português, o qual é relevante tanto como uma ampliação dos conhecimentos sobre a fonologia do português quanto como parâmetro de normalidade para o trabalho na área da fonologia clínica, e também como subsídio para alfabetizadores e pedagogos. Esse perfil, completo e abrangendo a faixa etária entre os 2:2 e os 5:5, será obtido através de diversas pesquisas tanto de caráter longitudinal como transversal realizadas por membros deste CEAAL. Nessas pesquisas, além da abrangência em termos de idade, estão sendo adotadas diferentes bases teóricas, como a fonologia natural, já referida, e os traços distintivos.

Dentro do período entre os 2:9 e os 5:5 foram determinadas, para esta pesquisa agora enfocada, faixas etárias de 7 meses. Essa extensão foi determinada pelo tempo que durou a coleta de dados, em função do período útil

realizadas. Houve cuidado para que essas faixas se sobrepussem no mínimo 45 dias, para garantir que não houvesse quebra de continuidade entre os diferentes sujeitos. Em razão dessa sobreposição de faixas houve momentos em que os dados de 3 e até de 4 crianças foram colhidos na mesma idade, permitindo uma observação confiável, consistente e sem lacunas.

A vantagem de uma coleta longitudinal consiste em mostrar com clareza as variações de comportamento e as possíveis regressões na aquisição da fonologia. Pesquisas transversais não conseguem evidenciar o fato de que o desenvolvimento fonológico muitas vezes não é perfeitamente linear; por outro lado, quando os dados computados numa pesquisa longitudinal são traduzidos em figuras, constata-se, muitas vezes, um perfil bastante irregular, com acentuadas regressões.

Obteve-se, assim, um corpus de aproximadamente 15.000 palavras, nas quais foram analisadas todas as consoantes e estruturas silábicas. Foi estabelecida a frequência de ocorrência dos processos fonológicos em termos de porcentagem, e a classificação da atuação dos processos em 4 níveis de incidência:

- processos consistentes - 100% de incidência - porque processos com incidência total certamente são os mais importantes;
- processos com alta incidência - 41% até 99% - porque se considera que processos com incidência acima de 40% (depois de uma determinada faixa etária) provavelmente deverão ser alvo de terapia (Hodson, 1980);
- processos com baixa incidência - 25% até 40% - porque se considera que a proporção de 25% de ocorrências corretas pode ser aceita como o limiar entre adquirido / não adquirido (Yavas, 1988);
- processos com incidência menor - menos de 25%.

Além da frequência de ocorrência de processos, foi analisada a influência da tonicidade na atuação dos processos, a influência de palavras vizinhas sobre os segmentos - à procura de processos inter-palavras - e a possibilidade da influência de fatores não-fonológicos.

Resultado

O levantamento, descrição e análise desses dados mostraram que um número reduzido de processos fonológicos naturais - somente 8 - atua na fala das crianças na faixa etária entre 2:9 e 5:5.

São 3 processos que atuam sobre a estrutura silábica, a saber:

- redução de encontro consonantal;
- apagamento de líquida não-lateral em final de sílaba dentro da palavra;
- apagamento de fricativa em final de sílaba dentro da palavra.

Outros 4 são processos de substituição, que modificam os segmentos, a saber:

- substituição de líquida;
- anteriorização de palatal;
- dessorização;
- posteriorização de fricativa.

Ocorre, ainda, o processo de metátese - a transposição de sons dentro da palavra (ex: "tigre" → [trigi], "cobra" → [kroba], "verde" → [vrefji]) - que não cabe em nenhuma dessas duas categorias de processos, já que a metátese pode causar uma alteração de estrutura silábica mas que nem sempre isso acontece (ex: "colorido" → [korolidu]).

Pôde-se constatar, como esperado, que as crianças superam esses processos em épocas semelhantes e de maneira semelhante, num desenvolvimento regido por processos com características universais.

Porém, ao lado das características universais, também ficou evidente que existem diferenças individuais bem marcantes. Assim, há diferenças não só na idade como no ritmo de superação dos processos - essa superação pode ser lenta e gradual mas também pode ser abrupta, e constata-se a possibilidade de um desenvolvimento linear ou com claras, acentuadas regressões.

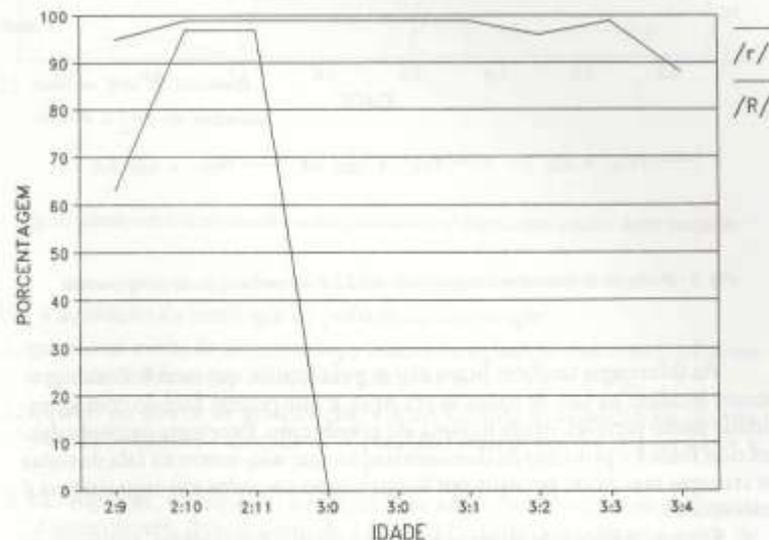


Fig. 1 - Substituição de líquidas em sílaba.

Também notam-se diferenças individuais através das estratégias adotadas pelas crianças para superar um processo. Por exemplo, na superação da redução dos encontros consonantais verificou-se que os sujeitos empregaram estratégias diversas, até opostas, dando preferência a um determinado tipo de composição de encontro, ou preferência a uma determinada obstruente ou líquida.

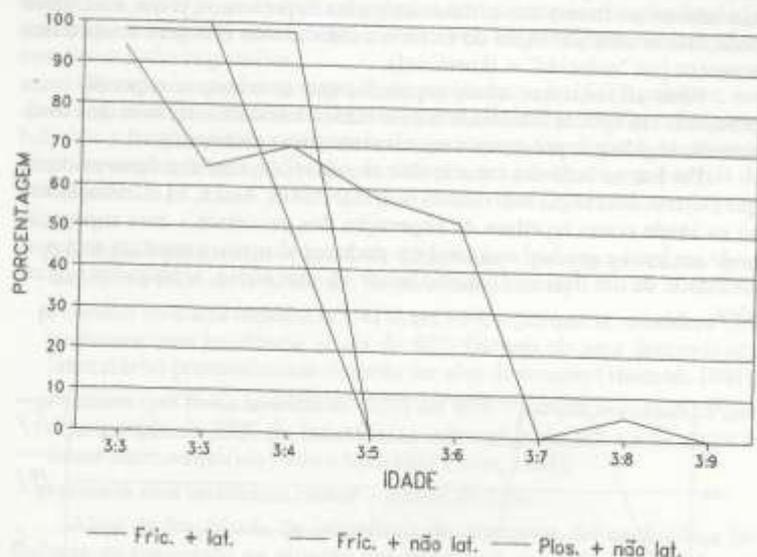


Fig. 2 - Redução de encontros consonantais em S2, por combinação de componentes

As diferenças também ficam claras pelo fato de que nem todos os processos incidem na fala de todas as crianças, e que podem fazê-lo com intensidade muito variável, desde mínima até consistente. Excelente exemplo desses dois fatos é o processo de desonorização, que não ocorre na fala de todas as crianças mas pode persistir por longo tempo naquelas em cujo sistema é encontrado.

Quanto à época de superação dos processos fonológicos, verificou-se que o último processo a desaparecer é a redução de encontros consonantais, a qual ainda pode ter alta incidência - isto é, mais de 40% das possibilidades - após os 5:2. Constatou-se também que todos os outros processos são superados até os 4:1 ou 4:2, já que nesse momento os últimos processos que

ainda persistiam em algumas crianças - a anteriorização, a desonorização e o apagamento de líquida em final de sílaba dentro da palavra - caem para a faixa de incidência menor, isto é, menos de 25% de incidência. A idade de 4:1 / 4:2 é, portanto, um marco no desenvolvimento fonológico, um divisor. O estabelecimento dessa faixa etária como crucial confere com a definição dada por Grunwell (1981) para a criança com desvio fonológico evolutivo, já que a citada autora caracteriza as crianças com d.f.e. como aquelas que "... após os quatro anos de idade ainda têm a fala ininteligível..." (op. cit., p.3).

Listando, de forma resumida, o que foi constatado nesta pesquisa so-

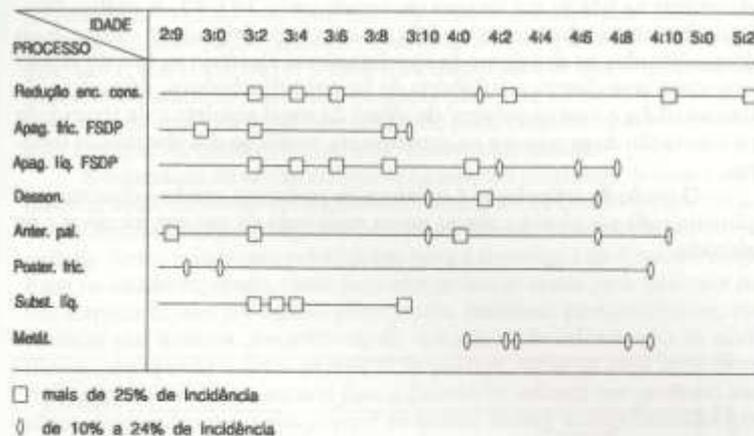


Fig. 3 - Idade máxima de ocorrência dos processos fonológicos nos sujeitos desta pesquisa.

bre a aquisição da fonologia do português, tem-se que:

1. quanto ao modo de articulação, a ordem de aquisição dos sons é: plosivas / nasais > fricativas > líquidas (ex: p b / m n > s z > r R);
2. quanto ao ponto de articulação, é mais comum a aquisição na ordem: labiais > dentais / alveolares > palatais / velares (ex: f v > t d / s z > k g);
3. nas líquidas, as laterais são adquiridas antes das não-laterais e, dentro dessas classes, /l/ vem antes de /λ /, /R/ ("r forte") geralmente antes de /r/ ("r fraco") (podendo, porém, nesse último caso, ocorrer o contrário);
4. as estruturas silábicas são adquiridas na ordem V e CV > CVC > CCV (ex: a / pá > porta > brabo);

5. na estrutura CVC aparece bem cedo – provavelmente aos 1:6 a 2:0 – o fechamento de sílaba com o travamento nasal (ex: tampa, planta), depois – até os 3:8, no máximo – o fechamento com a fricativa (ex: espelho, estrela) e por último – até os 4:1, no máximo – o fechamento com a líquida não-lateral (ex: porta, perna). A líquida lateral, por ser semivocalizada, não costuma constituir dificuldade;
6. o fechamento de sílaba com fricativa e com líquida é mais fácil em posição final de palavra do que em final de sílaba dentro da palavra (ex: "lápiz" e "açúcar" são mais fáceis do que "mosca" e "barco").

Foi possível observar alguns fatos muito interessantes do desenvolvimento fonológico. Destaca-se a evolução do processo de dessoronização de obstruinte na fala de um menino observado entre 3:6 e 4:1. A análise detalhada de todas as obstruintes que são sonoras no padrão adulto – e que eram dessoronizadas ou não de modo aparentemente aleatório na fala do sujeito – mostrou com clareza a influência de fatores articulatórios, da posição do som na sílaba e / ou na palavra, da altura da vogal seguinte e da tonicidade na superação do processo e na conseqüente aquisição das obstruintes sonoras.

O modo de articulação é o fator mais poderoso, sendo a dessoronização superada nas plosivas alguns meses mais cedo do que nas fricativas e na africadas.

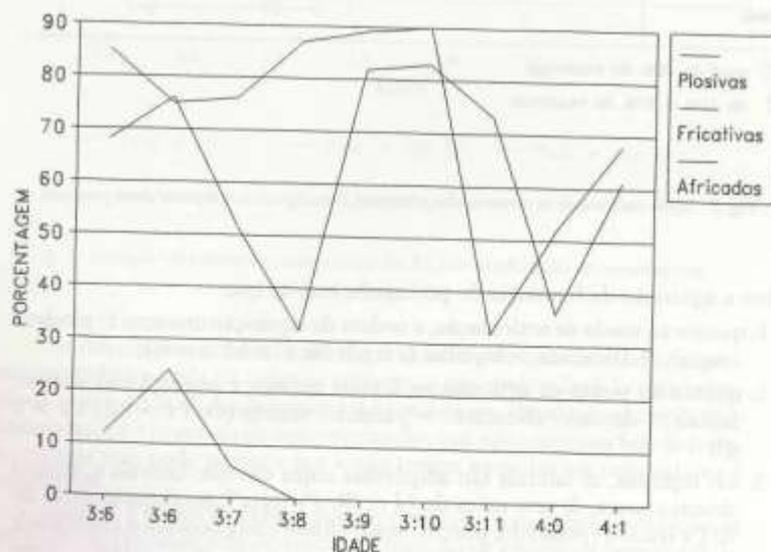


Fig. 4 - Dessoronização das obstruintes em S4 conforme o modo de articulação

Em seguida, vem a influência do ponto de articulação, que faz com que as obstruintes sonoras [+ anteriores] sejam adquiridas mais cedo do que a velar.

Em termos de posição na sílaba e na palavra, observou-se que a dessoronização foi marcadamente mais forte em ISDP (71,2%) do que em ISIP (49,4%) na fala desse menino, especificamente (ao contrário do que ocorre em outras crianças).

Comparando os dados e tentando estabelecer o peso relativo desses três fatores – modo, ponto e posição – conclui-se que a posição tem menos influência na atuação do processo, já que sozinha não consegue diminuir a incidência.

A altura da vogal seguinte à obstruinte dessoronizada mostrou-se relevante num levantamento feito nas três primeiras entrevistas: sempre que ocorreu dessoronização antes de vogal, constatou-se que a mesma era não-alta (isto é, não era [i] ou [u]). Embora a quantidade de dados que embasaram essa constatação seja muito pequena para uma afirmação sobre a importância da altura da vogal, esse resultado pode contribuir para corroborar uma hipótese de Ohala (1983, p. 196-7) sobre esse assunto.

A tonicidade da sílaba em que se encontra a obstruinte dessoronizada também mostrou ser um fator relevante: constatou-se que há preponderância de dessoronização – 58,1% – em sílabas átonas. Essa conclusão de que a sílaba tônica é ambiente privilegiado para a superação da dessoronização é um resultado esperado, tanto para este processo como para qualquer outro. Explica-se isso por razões perceptuais, auditivas, portanto físicas, mas também por motivos pragmáticos, de veiculação de informação. A sílaba tônica, carregando o stress principal da palavra, torna-se mais importante para a comunicação; é natural que o falante se esforce em produzir essa sílaba de acordo com o alvo do que as sílabas átonas, menos salientes para o interlocutor.

Destaca-se, também, como interessante, a atuação do processo de metátese (que vem a ser a transposição de um som dentro da palavra), o qual só foi encontrado nos sujeitos acima de 3:11, constituindo para eles uma estratégia que permitiu contornar seqüências ou estruturas difíceis em aquisição nas faixas etárias mais elevadas – no caso, a líquida não-lateral e as estruturas silábicas CVC e CC. Em 91% das ocorrências de todos os doze sujeitos, a metátese envolveu líquidas. Quanto às estruturas silábicas, a metátese não cria, na realidade, estruturas mais simples; parece, antes, visar a formação de uma estrutura mais fácil para determinada criança em determinado momento do seu desenvolvimento. Assim, se é verdade que 71,4% dos casos de metátese desfazem encontros consonantais (ex: "quadro" → [kwardu]), também é verdade que 57,1% das ocorrências geraram outros encontros (ex: "vidro" → [vridu]).

Na metátese também pôde ser constatada uma influência muito forte da tonicidade da sílaba. Em 64% dos casos houve a migração do som afetado de uma sílaba não-tônica em direção à sílaba tônica, preponderando as metáteses de sons que originalmente estavam em sílaba postônica (ex: "açúcar" → [asurka]), e já que nunca ocorreu metátese em sílaba postônica.

Na fala dos sujeitos estudados nesta pesquisa também podem ser encontrados subsídios interessantes para a discussão sobre a **estrutura subjacente da criança**. Conforme Stampe, essa estrutura subjacente corresponde à forma de superfície do adulto, o que pressupõe que a percepção da criança estaria bem desenvolvida já no início da fala. Foram, realmente, constatadas instâncias claras apontando para uma representação muito mais desenvolvida do que a produção. Assim, o sujeito S1 – que, aos 2:9 ainda não produz /r/ – substitui esse som por [l] em final de sílaba final de palavra, como em:

"motor" → [motol].

Visto que o /l/ em final de sílaba sempre é semivocalizado por essa criança, como em:

"alto" → [awtu],

a produção da lateral em final de sílaba mostra que o sujeito tem o /r/ na subjacência. Outro exemplo é trazido pelo sujeito S9 – que, entre 2:10 e 3:2, não realiza em nenhum momento o /s/ em final de sílaba dentro da palavra – em cuja fala encontra-se a realização

"fósforo" → [f su]

na qual parece ter ocorrido a assimilação por sibilância do /l/ inicial de sílaba ao /s/ em final de sílaba dentro da palavra – mesmo o sujeito não tendo ainda a estrutura silábica CVC e o /s/ em final de sílaba. Esse som parece existir, no entanto, na estrutura subjacente.

A partir dos resultados deste trabalho conclui-se, claramente, pela existência de tendências gerais mas também pela de diferenças individuais; pela possibilidade do uso de estratégias diferentes, por parte da criança, na superação de determinadas dificuldades; por alguma diversidade na ordem de aquisição de sons e/ou de estruturas silábicas. Essas constatações podem ser úteis na prática de terapeutas da fala, bem como no trabalho de professores alfabetizadores, de pré-escola e das séries iniciais.

Outras pesquisas também relatadas aqui – enfocando faixas etárias mais baixas, e os traços distintivos em lugar dos processos fonológicos – trazem resultados muito semelhantes aos deste trabalho. Esse fato é altamente tranquilizador e animador, pois que dá tanto aos pesquisadores quanto aos possíveis usuários desses trabalhos a segurança de que as conclusões das pesquisas são confiáveis.

Referências Bibliográficas

- GRUNWELL, P. (1981) *The Nature of Phonological Disability in Children*. London, Academic Press.
- HODSON, B. (1980) *The Assessment of Phonological Processes*. Danville, Interstate.
- OILALA, J. (1983) The origin of sound patterns in vocal tract constraints. In: MacNeilage, P. *The Production of Speech*. New York, Springer Verlag, p. 189-216.
- STAMPE, D. (1973) *A Dissertation on Natural Phonology*. Tese de doutorado, Chicago University.
- YAVAS, M. (1988) Padrões na aquisição da fonologia do português. *Letras de Hoje*, 23 (3): 7-30.